

A AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA: OLHAR DO PROFESSOR PARA ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS E REPERCURSSÕES SOBRE A APRENDIZAGEM EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Daniela Pavlovsky Diner¹
Maria Rafaella Furlanetti²
Sheila Carla de Souza³

RESUMO

A automutilação é um comportamento autoagressivo no qual a pessoa causa dor a si mesma e acarreta prejuízos no desenvolvimento emocional, cognitivo e social. O professor e a escola são importantes para ajudar a identificar, encaminhar e intervir nessas situações. Por isso, o objetivo deste trabalho é compreender a formação inicial e continuada dos professores sobre o comportamento de automutilação no Ensino Fundamental II. Os procedimentos metodológicos usados na pesquisa foram: estudo de campo exploratório de análise multimodal, com aplicação de questionário on-line para 17 professores atuantes no ensino fundamental II. Os principais resultados do trabalho indicam que a maioria dos professores conseguem sinalizar um aluno com comportamentos de automutilação, os professores reconhecem a ajuda multidisciplinar, da família e, principalmente, do psicólogo para o tratamento. A automutilação impacta sim na vida acadêmica do aluno. Conclui-se que o tema é de interesse da comunidade escolar e que o professor é um profissional que precisa estar em constante aperfeiçoamento para contemplar as distintas demandas que envolvem a docência. Por fim, há necessidade de realizar mais estudos que contemplem a automutilação na adolescência nos contextos escolar e familiar.

Palavras – chaves: Automutilação; Formação do Pedagogo; Ensino Fundamental II.

ABSTRACT

Self-mutilation is a self-aggressive behavior in which a person causes pain to themselves and causes harm to the person's emotional, cognitive and social development. The teacher and the school are important in helping to identify, refer and intervene in these situations. Therefore, the objective of this work is to understand the

¹ Aluna do curso de Pedagogia e autora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

² Aluna do curso de Pedagogia e autora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

³ Professora orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

initial and continuing training of teachers on self-mutilation behavior in Elementary School II. The methodological procedures used in the research were an exploratory field study of multimodal analysis, with the application of an online questionnaire to 17 teachers working in elementary school II. The main results of the work indicate that the majority of teachers are able to signal a student with self-mutilation behaviors, teachers recognize the multidisciplinary help, family and, mainly, psychologist to deal with behavioral issues regarding self-mutilation with this student and they state that Self-harm does impact the student's academic life. It is concluded that the topic is of interest to the school community and that the teacher is a professional who needs to be constantly improving to meet the different demands that involve teaching. Finally, there is a need to carry out more studies that consider self-harm in adolescence in school and family contexts.

Keywords: Self-mutilation; Pedagogue Training; Elementary Education II.

1. INTRODUÇÃO

Tivemos o interesse de nos aprofundar sobre o tema de automutilação no Ensino Fundamental II e entender qual a necessidade e o papel do professor nessas situações. Entendemos que o aluno que passa por situações como essas devem ser acompanhados por psicólogo e ou psiquiatras, mas muitas vezes para o aluno chegar a esse profissional o professor poderá identificar esse problema dentro da sala de aula antes que se agrave.

Segundo a FOLHA D. SÃO PAULO, a cidade de São Paulo, registra uma média de dez casos de autoagressão e tentativa de suicídio entre crianças e jovens até 19 anos. No primeiro semestre do ano de 2023, foram documentadas 1.865 ocorrências, de acordo com informações reunidas pelas redes de saúde pública e privada e divulgadas pela Secretaria Municipal da Saúde. Esses dados revelam um aumento de 82% em comparação com o primeiro semestre de 2019, anterior à pandemia de covid-19, quando foram registrados 1.025 casos. Esse aumento também é corroborado pelos números anuais, uma vez que, em 2019, houve pouco mais de 2,6 mil episódios, enquanto em 2022 esse número ultrapassou 3,8 mil, representando um aumento de 46,5%. Normalmente, o início desse comportamento ocorre em indivíduos que estão

no Fundamental II entre os 12 e 14 anos, é pouco comum em crianças mais jovens, entre 5 e 10 anos, assim como após os 25 anos de idade.

Uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020 mostrou que a pandemia da Covid-19 e o isolamento social aumentaram a prevalência de automutilação entre adolescentes e jovens adultos. O estudo apontou que 1 em cada 4 jovens pesquisados afirmou ter experimentado sentimentos suicidas desde o início da pandemia.

Após a leitura do documento científico sociedade de pediatria de São Paulo onde relata que, é crucial interpretar o sintoma como uma forma de buscar ajuda, onde encaixamos o papel do professor que deve estar apto para essas situações, pois indivíduos frequentes que passam com psicólogos e ou psiquiatras expressam que esse comportamento pode ter uma intenção paradoxal. Muitos adolescentes afirmam que não se automutilam com a intenção de morrer, mas sim como uma maneira de lidar com a angústia e continuar a viver. Quando se trata dessa faixa etária de 12 a 14 anos, mesmo comportamentos tão impactantes podem fazer parte de um desajuste temporário com prognóstico favorável, respondendo bem a intervenções ambientais e apoio adequado.

Fazer marcas no corpo é um comportamento antigo e pode ser encontrado em diversas culturas. Este ato está geralmente ligado a uma representação social contendo um significado próprio dentro de uma dada comunidade. As marcas corporais voluntárias antigamente eram relacionadas a um rito de passagem ou para demarcar a posição que o indivíduo ocupa. As práticas de modificação corporal não são uma intervenção recente. De acordo com o artigo (automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?), no ocidente, por volta do século XVIII, a tradição judaico-cristã combatia violentamente as marcas corporais fazendo de forma a distinguir os pagãos e os crentes, o ímpio dos fiéis.

Observa-se na formação do professor, a importância de aprendizagem da docência em coerência com a realidade que enfrenta na sala de aula. (PIMENTA; GHEDIN, 2002; GATTI, 2003). Além disto, é preciso que haja união entre a instituição escolar e os familiares em busca de ações para a melhoria do quadro do aluno.

Segundo Nóvoa (1995, p. 14), os novos papéis do professor na educação contemporânea e a formação dos educadores deve abranger não apenas os

conhecimentos técnico-profissionais, mas também englobar a reflexão sobre a prática docente, a interação com os alunos e a comunicação com as famílias.

Frente a isso, o problema de pesquisa é: o conhecimento do professor é suficiente para atuar com alunos que se automutilam?

A hipótese para o problema de pesquisa é que os professores desconhecem os comportamentos de automutilação e possibilidades de ajuda aos alunos que passam por essa situação no início da adolescência, ou seja, o conhecimento do professor é insuficiente para atuar com esses alunos.

Estudar a automutilação no contexto escolar pode contribuir para a conscientização e a educação sobre questões de saúde mental. Isso pode ajudar a reduzir o estigma associado à automutilação, aumentar a compreensão e promover a empatia entre estudantes, educadores e pais. O entendimento desse fenômeno permite a implementação de medidas preventivas e de apoio, contribuindo para um ambiente escolar mais seguro e saudável.

É necessário estudar sobre o tema pois impacta diretamente o bem-estar e o desenvolvimento dos estudantes. A preocupação com o bem-estar dos estudantes, identificar estudantes em situações de risco, apoiar os alunos e encaminhá-los para ajuda adequada são aspectos relevantes para a relação aluno-professor.

Frente ao exposto, o objetivo geral do trabalho é compreender a formação inicial e continuada dos professores sobre o comportamento de automutilação no Ensino Fundamental II.

Já os objetivos específicos são:

1. Estudar as relações entre automutilação estudantil e suas repercussões na escola;
2. Investigar os conhecimentos dos professores do Ensino Fundamental II sobre o comportamento de automutilação e suas consequências na escola;
3. Fazer pesquisa de campo com professores do Ensino Fundamental II sobre a sua formação e o comportamento de automutilação no contexto escolar;
4. Tabular e analisar as respostas dos professores à luz da teoria;
5. Analisar teórica, reflexiva e criticamente a formação de professores para as demandas contemporâneas sobre automutilação na escola.

2. REVISÃO TEÓRICA

A automutilação é a prática de machucar o corpo sem causar a morte, mediante atitudes repetidas e intencionais, com o intuito de diminuir o sofrimento psíquico. Sendo alguns exemplos: arranhões, queimaduras, cortes, mordidas e raspagens da pele. De acordo com o artigo (A inclusão escolar de pessoas que praticam a automutilação a partir da proposição de atividades narrativas: contribuições da psicologia cultural), destaca-se, ainda, que a automutilação é uma linguagem não-verbal, cujo meio de comunicação do praticante é o uso do corpo.

A automutilação é um comportamento complexo que pode ter diferentes causas e manifestações e que a prevenção e o tratamento devem ser individualizados e abordar as necessidades específicas de cada pessoa. A conscientização e o diálogo aberto sobre o tema são fundamentais para prevenir e combater a automutilação em indivíduos do Ensino Fundamental II.

Relações familiares prejudicadas, mídia social, quebra de vínculos: como divórcio dos pais ou morte de um deles, crítica excessiva dos pais, falta de apoio familiar, problema do álcool na família, violência doméstica, brigas interpessoais e viver em famílias extensas são fatores que podem incentivar uma pessoa a causar danos no corpo.

De acordo com Goleman (2012), o ambiente familiar favorece o aprendizado das emoções:

A vida em família é onde iniciamos a aprendizagem emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentimos em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos; aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores. Aprendemos tudo isso não somente através do que nossos pais fazem e do que dizem, mas também através do modelo que oferecem quando lidam, individualmente, com os seus próprios sentimentos e com aqueles sentimentos que se passam na vida conjugal. Alguns pais são professores emocionais talentosos, outros são atozes (GOLEMAN, 2012, p. 208.)

Ao praticarmos a empatia e a cooperação com os outros, promovemos o diálogo e a resolução de conflitos, fomentando o respeito ao próximo e acolhendo seus direitos humanos. Nesse contexto, as ações pessoais e coletivas ganham relevância, pois o indivíduo passa a tomar decisões embasadas em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. Essa abordagem não apenas

fortalece as relações interpessoais, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e compassiva.

Para Araújo, 2016:

A automutilação superficial/moderada apresenta três subtipos: compulsivo, episódico e repetitivo. Cortar-se, queimar-se e quebrar os próprios ossos podem ser tanto episódicos quanto repetitivos. A diferença está na frequência e na importância que esses atos assumem na vida do sujeito. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura Automutilação compulsiva refere-se a um comportamento que é automático, sem que a pessoa pense muito antes de agir, geralmente ocorre em resposta a uma ansia repentina de se machucar e promove um alívio da ansiedade. (FAVAZZA, 1987/1996 apud ARAÚJO, J. et al., 2016, p. 504).

Compreendemos que o professor tem a oportunidade de abordar as habilidades socioemocionais em sala de aula, o que pode prevenir e ajudar em diversos incidentes. Quando um indivíduo é capaz de expressar-se e dialogar com outros, pode evitar situações de fragilidade emocional, tal como a automutilação. Ao focar a empatia e a cooperação com os alunos, é possível prevenir o bullying, evitando que a vítima se isole emocionalmente e recorra à automutilação como forma de lidar com seus sentimentos. Por fim, ressaltar a importância de ações individuais e coletivas ajuda o indivíduo a tomar decisões éticas, reconhecendo que cada ação resulta em uma reação.

A partir do artigo 'Os novos papéis do professor na educação contemporânea' "a profissionalização do magistério correspondeu à emergência de uma nova concepção de escola, com funções mais amplas que as meras transmissões de conhecimentos" (NÓVOA, 1995, p. 30).

É importante destacar que com a atualização da sociedade, tudo se modifica, os temas que aparecem, os problemas, sendo assim, vale ressaltar que o professor e a instituição escolar, também precisam se atualizar.

O professor pode ter um papel importante na prevenção e no combate à automutilação na escola, uma vez que é um profissional que está em contato direto com os alunos e pode identificar sinais de alerta e oferecer suporte emocional.

Além disso, é importante que a escola mantenha uma postura de diálogo aberto com os pais e responsáveis dos alunos, para informá-los sobre o comportamento do filho e fornecer orientações para o acompanhamento adequado do caso. A

automutilação não deve ser ignorada ou minimizada, mas sim tratada com seriedade e cuidado por todos os envolvidos.

O desenvolvimento socioemocional do aluno é de responsabilidade do professor, visando incentivar a empatia, a cooperação, a comunicação e a resolução de conflitos. Por isso, é importante que o profissional saiba que existiram conflitos e que ele necessita ensinar o aluno a lidar com estas emoções que irão aparecer. O trabalho em equipe e o respeito são aspectos relevantes quando se trata de habilidades socioemocionais.

Criar um ambiente acolhedor e de confiança é imprescindível para que esta etapa se torne positiva. De acordo com Goleman (1999), citado no artigo lido: É importante lembrar que o desenvolvimento afetivo faz desenvolver as emoções e é sua expressão externa, desde a infância até a adolescência. Isso inclui a capacidade de reconhecer os próprios sentimentos e distingui-los dos outros, relacionar os próprios sentimentos com os outros, expressar os próprios sentimentos e administrar as emoções.

Na ilustração abaixo, são destacadas as habilidades socioemocionais que, de acordo com a BNCC carecem de atenção especial dos professores na escola, e mostram o quanto é importante e que deve ser trabalhado dentro da sala de aula, evidenciando que o indivíduo, ao desenvolver o autoconhecimento e o autocuidado, aprende a se compreender, valorizar-se e zelar diariamente por sua saúde física e emocional. Com essa consciência, ele torna-se capaz de lidar eficientemente com suas próprias emoções e as dos outros, trilhando um caminho rumo a uma vida equilibrada e saudável.

Figura 1 – habilidades socioemocionais



3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos foi realizada pesquisa de campo exploratória de análise quanti/qualitativa. No decorrer da pesquisa, procuramos identificar padrões de comportamento, entender se o professor está preparado para situações de automutilação em sala de aula na Educação Fundamental II.

Os resultados obtidos destacam a complexidade dessa questão na Educação Fundamental II, revelando a necessidade de abordagens integradas que considerem tanto os aspectos quantitativos quanto os qualitativos.

Ao considerar esses elementos, a pesquisa foi um instrumento de avaliação da automutilação abrangente e sensível, capaz de oferecer informações valiosas para entender se os professores estão preparados para essas situações. Vale ressaltar que a todo momento a pesquisa foi realizada com extrema cautela, considerando a natureza delicada do tema e priorizando sempre a segurança dos participantes.

É importante visar que as autoras colocaram nas opções de múltipla escolha, alternativas que gerem dúvidas para as respostas dos questionários. Sendo assim, há alternativas erradas.

A. PARTICIPANTES

17 professores, predominantemente do gênero feminino, com faixa etária entre 41 a 50 anos, pós-graduados e atuantes no Ensino Fundamental II.

B. LOCAL

A pesquisa foi realizada em comunidades de professores do ensino fundamental II disponíveis digitalmente nas plataformas Facebook e enviamos o link para professores conhecidos encaminharem para grupos de WhatsApp.

C. INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

Questionário desenvolvido pelas alunas pesquisadoras com um total de 15 perguntas múltipla escolha e 2 dissertativas.

Nas perguntas iniciais foram investigadas as informações sociodemográficas dos participantes de pesquisa sobre o nível de escolaridade, ou seja: gênero, idade, formação acadêmica, nível de atuação, tempo de atuação, rede de ensino que atua, respectivamente.

Já nas questões sobre o tema investigados foram:

1. Qual seria o papel do professor em situações de automutilação;
2. Para você quais são os principais sinais de automutilação;
3. Para você quais são as causas da automutilação;
4. Você saberia identificar os sinais de automutilação;
5. Você acredita que o trabalho do professor junto a equipe multidisciplinar contribui para lidar melhor em situações de automutilação
6. Você acredita que a automutilação impacta na vida acadêmica do aluno;
7. Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, explique com breves palavras os motivos pelos quais acredita que a automutilação impacta na vida acadêmica do aluno;
8. Você se sente preparado para situações de automutilação com a formação básica;
9. Na sua opinião, a automutilação é doença;
10. O que você considera como tratamento para automutilação;
11. Você já vivenciou casos de crianças que se automutilam dentro de sua sala de aula: caso a resposta for sim, como lidou com esta situações.

D. ANÁLISE DE RESULTADOS

O presente texto consiste numa pesquisa teórica, de cunho qualitativo, cuja ideia principal é refletir de forma crítica e discursiva sobre a importância da formação continuada de professores sobre as práticas da automutilação.

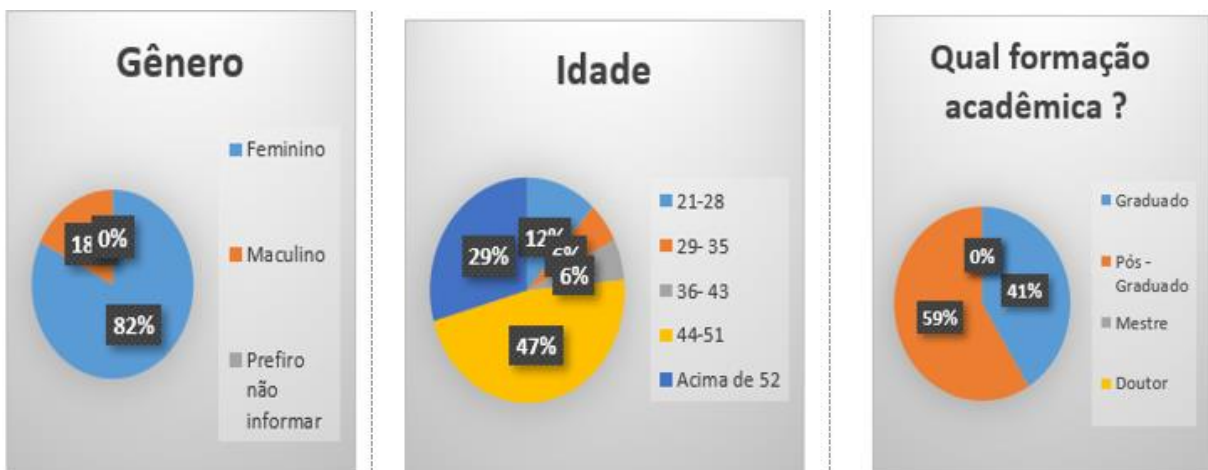
Os estudos científicos podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e tratamento da automutilação na adolescência, ajudando a melhorar a qualidade de vida desses jovens e prevenindo possíveis consequências graves.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a coleta dos dados do formulário, chega-se os seguintes resultados e discussões:

4.1 INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

4.1.1 Gênero, Idade e Formação Acadêmica



Dos 17 professores que participaram do estudo 11 são mulheres e 6 são homens. Nenhum respondente escolheu não informar o gênero.

Segundo a Folha de São Paulo (Censo Escolar Estadual 2020), as mulheres correspondem a 96% dos professores da educação infantil no País. No ensino fundamental I e II, elas representam, respectivamente, 88% e 67% dos docentes o que converge com a amostragem desse estudo.

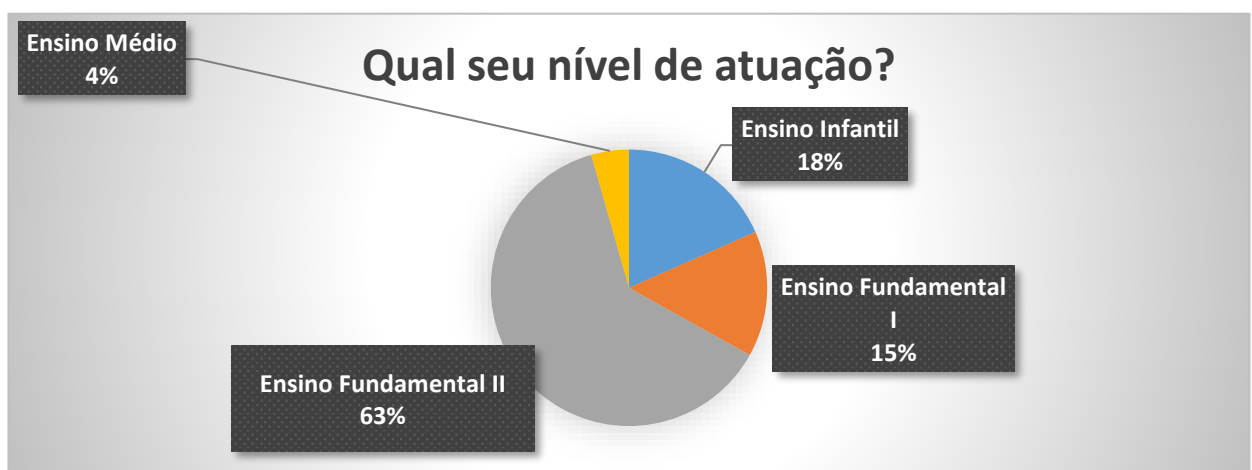
De acordo com o gráfico, 12 (47%) dos professores estão na faixa etária entre 44-51 anos o que pode inferir um bom tempo de atuação e pessoas experientes, vida adulta.

Quanto a formação acadêmica, 17 (59%) dos professores são pós-graduados e, portanto, com formação continuada, fazendo com que pressupostamente estejam melhor preparados para identificar situações que precisam de intervenção na escola. Segundo uma fonte de pesquisa do site desafios da educação, onde fala sobre o olhar sobre a qualificação dos professores no Brasil, diz que:

Um estudo da International Journal of Educational Development, no entanto, pode pôr fim à discussão. Uma vez que os alunos são expostos a diferentes professores com várias qualificações todos os anos, os pesquisadores utilizaram uma perspectiva cumulativa para examinar o papel dos índices de qualificação dos professores. Os resultados indicam o óbvio: alunos ensinados por professores qualificados têm mais probabilidade de obter um desempenho elevado em testes. (Redação Pátio, 2021)

Conforme estabelecido pelo Plano Nacional de Educação (PNE) em vigor desde 2014, a meta até 2024 é que 50% dos professores do ensino fundamental e médio obtenham formação em nível de pós-graduação, sendo imperativo que todos recebam capacitação contínua em suas respectivas áreas de atuação, assim levando professores mais qualificados e preparados para sala de aula.

4.1.2 Nível de atuação

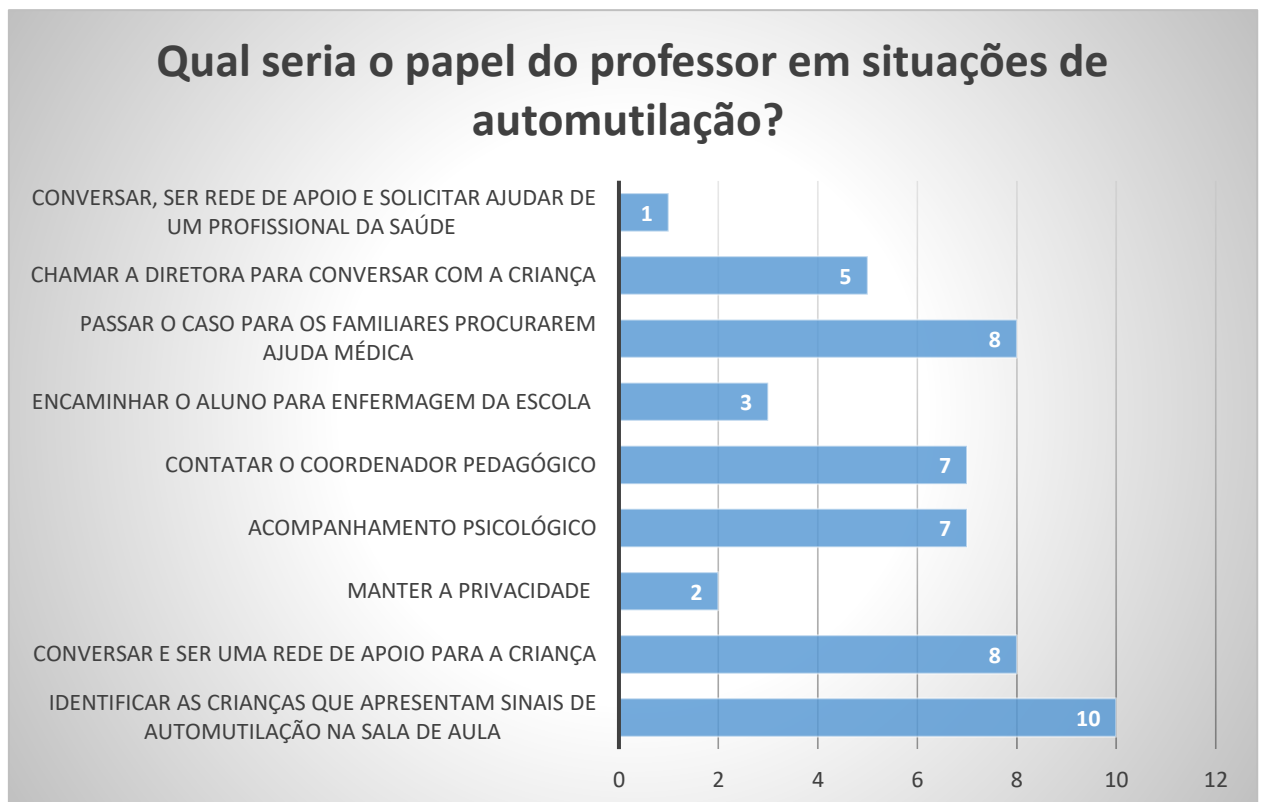


Com foco em respondentes que atuam no Fundamental II, tivemos os resultados de 17 professores que atuam no Ensino Fundamental II.

Professores que trabalham com indivíduos de 11 a 15 anos de idade, ou seja, pré-adolescente e adolescentes.

A escolha de concentrar esforços no Ensino Fundamental II teve como foco o público nesta faixa etária, composta por crianças e adolescentes. Isso se deve ao fato de que é nesse período que muitos deles têm um contato mais intenso com a internet e redes sociais, fatores que, infelizmente, contribuem para o aumento dos casos de automutilação. Segundo o site Senado Notícias, onde apresentam o seguinte tema: “Para especialistas, redes sociais reforçam 'bullying' e risco de suicídio de adolescentes”.

Automutilação e suicídio entre crianças e adolescentes foram os temas abordados na audiência pública realizada pela CPI dos Maus-tratos, nesta quinta-feira (21). Os especialistas deixaram claro que não há explicações simples para atos tão severos, cujas causas mais comuns seriam transtornos mentais ou psicológicos, inclusive os resultantes de situações de violência e abusos na infância. Foi também citada a questão do *bullying*, com dimensão ampliada na era da internet e das redes sociais e grande potencial para levar crianças e jovens a condutas extremas. (Senado Notícias, 2017)



Nota-se, de acordo com os estudos desenvolvidos, que a grande maioria dos professores sabe que o primeiro passo é identificar o indivíduo que apresenta sinais de automutilação, podendo prosseguir conversando o aluno e passar o caso para os familiares, indicando acompanhamento médico e sempre mantendo a privacidade do

aluno sem qualquer tipo de quebra de confiança, ressaltando a importância de uma rede de apoio para o devido acompanhamento.

O papel da escola é trazer à tona o assunto de crianças do Ensino Fundamental II, que se automutilam, principalmente, em contexto escolar. Caso contrário, ela compromete o desenvolvimento e capacidade acadêmica do aluno.

Frente a isso, aponta-se a importância de que o professor:

1. Comunique a sua equipe escolar, incluindo a direção e os demais pedagogos do aluno;
2. Converse, de forma delicada, com o aluno, compreendendo a importância do suporte e da empatia;
3. Envolver os pais e responsáveis para entender o comportamento do aluno em casa e para que eles encaminhem o aluno para um tratamento mais adequado. Compartilhando entre todos as preocupações com a criança.

Considerando o contexto escolar, Brito (2020, p. 28) indica as seguintes opções:

Identificar o aluno com comportamento de risco, observá-lo, procurar oportunidades de diálogo com ele, estar atento a necessidade de monitoramento e utilizar as redes de apoio que o aluno possui, dentro e fora da escola.



Diante do gráfico acima, nota-se que a maioria dos professores que responderam, reconhecem alguns sinais de automutilação. Foram constatadas doze respostas onde os professores indicam que para eles sinais de automutilação são quando o indivíduo causa danos ao próprio corpo, sem intenção de suicídio.

A prática da Autolesão Não Suicida (ALNS) resulta nas manifestações de cortes superficiais na pele, arranhões, mordidas, queimaduras, bater partes do corpo contra a parede e introduzir objetos pontiagudos no corpo. Este conceito engloba qualquer comportamento intencional ao corpo, sem intenção de chegar ao suicídio.

De acordo com a BCC NEWS BRASIL: Mais da metade (52%) dos jovens de 16 anos que participaram da pesquisa sentiu que sua saúde mental e emocional piorou durante a pandemia.

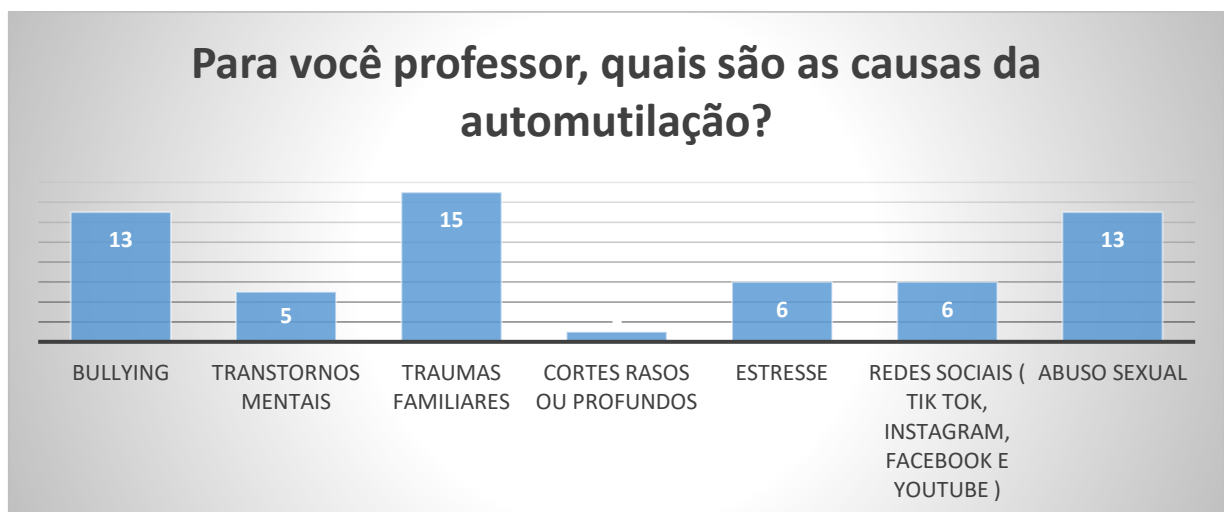
Entende-se que a maneira mais prevalente de automutilação é o ato de cortar a pele, seja nas mãos, nos punhos, nas pernas ou em outras regiões do corpo da criança. Outras formas de autolesão incluem bater a cabeça, provocar queimaduras,

puxar os cabelos ou arranhar a pele de forma excessiva a ponto de causar sangramento.

É fundamental ressaltar a importância de estar atento aos sinais que a criança manifesta ou tenta ocultar em algumas situações, como ao usar blusas de manga longa em dias quentes, por exemplo, para esconder tais comportamentos e evitar que outras pessoas percebam.

Os jovens que se automutilam muitas vezes sentem uma dor emocional avassaladora, outros dizem que se sentem solitários, inúteis ou vazios por dentro ou ainda relatam sentir-se superestimados, incompreendidos ou até mesmo com medo de relacionamentos. Alguns se sentem sobrecarregados pelas responsabilidades escolares e familiares, ou querem se punir por algo ruim que acreditam ter feito. (Instituto PENSI, 2022)

Entende-se que há uma cobrança por parte da escola cada vez que o aluno passa de um ano para o outro. Entre os anos de 11-15, ou seja, 6 ao 9 ano, há muitas mudanças por parte acadêmica, gerando inseguranças, medos e competições.

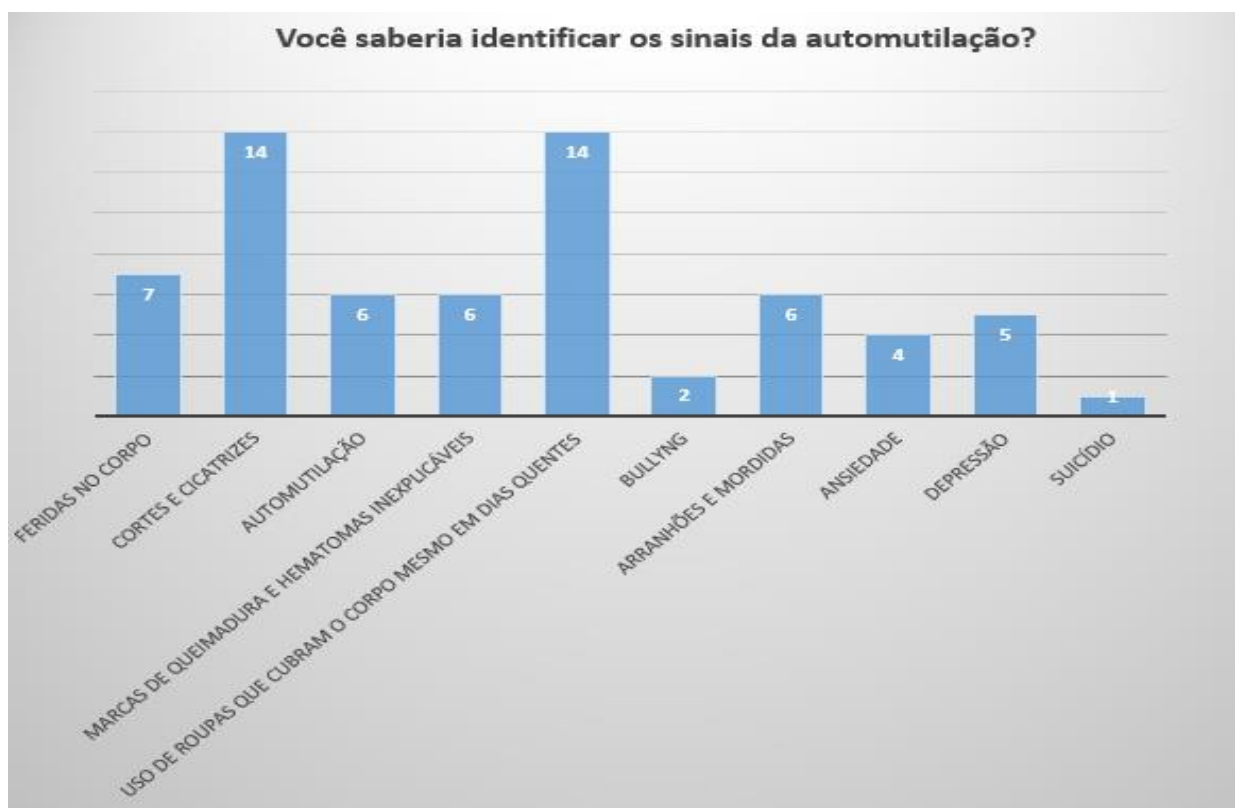


A maioria dos professores sabem identificam as causas de automutilação que se dá através do bullying, traumas familiares, abuso sexual e as redes sociais. Levando em consideração a observação em sala de aula do indivíduo indisciplinado, que não aprende e apresenta comportamentos diferenciado dos outros, ou também pelo contrário daquele que se mantém calado, introspectivo não tendo nenhuma relação social com os demais.

De acordo com o artigo, Comportamento Autolesivo ao Longo do Ciclo Vital: Revisão Integrativa da Literatura, onde diz a respeito do abuso sexual, bullying, depressão, que isso pode levar o indivíduo a praticar automutilação.

Maus tratos físico por um adulto, transtorno de conduta, personalidade borderline, depressão e sintomas psicóticos, abuso sexual, bullying, orientação sexual, os níveis de depressão, ansiedade, impulsividade e baixa autoestima, aumento de consumo de cigarros ou álcool, são possíveis causas para a prática de automutilação. (Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Pag. 5, 2017 Aline Conceição Silva², Nadja Cristiane Lappann Botti)

Ainda sobre o artigo citado, de acordo com Stallard, Spears, Montgomery, Phillips & Sayal (2013) em estudo realizado com 2547 adolescentes com idade entre 12-16 anos os pensamentos e atos auto lesivos são evidentes, sendo que um em cada cinco adolescentes apresentou pensamentos e um em cada dez executou pelo menos um ato de automutilação no decorrer de um período de seis meses.



A maioria dos professores souberam identificar os sinais de automutilação observando cortes, cicatrizes, uso de roupas que cubram seu corpo em dias de calor e feridas no corpo, isto é, quando a automutilação se apresenta de maneira evidente. Outros tipos de distúrbios e automutilações referentes a causas psicológicas necessitam de maiores investigações.

Você acredita que o trabalho do professor com a equipe multidisciplinar contribui para lidar melhor em situações de automutilação?



Constata-se que 83 % dos professores que responderam o formulário acreditam que o trabalho em conjunto do professor com a equipe multidisciplinar contribui para a melhoria nas situações de automutilação.

O auxílio dos profissionais multidisciplinares é importante pois cada um, em sua individualidade, tem o seu papel. Sabe-se que o professor não pode realizar diagnósticos, somente encaminhar para outros profissionais, para que eles realizem o seu papel. Já o psicólogo e o psiquiatra entendem o que cada aluno pode ter ou estar sofrendo, fechando um diagnóstico.

Como o professor está no dia a dia do aluno, ele é capaz de identificar os sinais e conversar com o aluno e seus familiares, que estão em uma outra parte do dia com estes indivíduos. Sendo assim, é possível que o indivíduo que pratica a automutilação apresente diferentes características em cada período do seu dia, por exemplo, na escola, o professor irá se deparar com alguns sinais, já, em casa, os familiares ao seu redor, poderão auxiliar observando outros sinais, ressaltando a importância do trabalho em conjunto.

Podemos notar que as escolas da rede pública entendem essa necessidade, onde foi apresentado o projeto de lei N° 1198, de 2019 (Dep. Igor dos Anjos da Silva Santos), onde o Congresso Nacional decreta:

Art. 1º - Esta Lei torna obrigatória a implantação de equipes multidisciplinares em todas as escolas públicas do Brasil.

Art. 2º - As equipes multidisciplinares deverão ser constituídas por Psicólogos, Psicopedagogos, Pedagogos e Assistentes Sociais com o intuito de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem e promover uma educação de qualidade, potencializando o desenvolvimento dos estudantes, a fim de corresponder às expectativas da sociedade.

Art. 3º - Essa equipe trabalhará junto ao corpo docente, discente e gestão escolar a fim de identificar, encaminhar, amenizar e/ou suprir as demandas de âmbito psicossocial dos alunos, auxiliando na solução de problemas pessoais, sociais e psicológicos, proporcionando-lhes uma educação de caráter mais holístico e integral.

Art. 4º - Os profissionais da equipe multidisciplinar complementarão o processo educacional desvelando os contextos social, familiar e psicológico, nos quais os educandos estão inseridos, apontando as possíveis causas que prejudicam a aprendizagem e o caminho a ser trilhado para que tais obstáculos sejam superados.

Art. 5º - A equipe multidisciplinar deverá atuar no ambiente escolar no intuito de desenvolver as capacidades dos estudantes e de sua instituição de ensino. Art. (Lei Nº 1198, de 2019)

Atualmente, dentro das escolas públicas, percebe-se uma grande necessidade de profissionais como psicólogos, psicopedagogos e assistentes sociais para cuidarem do bem estar social e emocional dos alunos, uma vez que muitos deles passam por dificuldades ou problemas pessoais e emocionais sérios, sem apoio de profissionais especializados. Tais fatos costumam levar à reprovação, desmotivação e, muitas vezes, evasão escolar.

Uma grande quantidade de jovens apresentam sintomas depressivos ou de traumas de infância, fatos que atrapalham seu desenvolvimento educacional e social, conseqüentemente o processo ensino-aprendizagem. Esses aspectos justificam a necessidade de equipes multidisciplinares dentro das escolas para estarem monitorando e/ou auxiliando estes alunos.

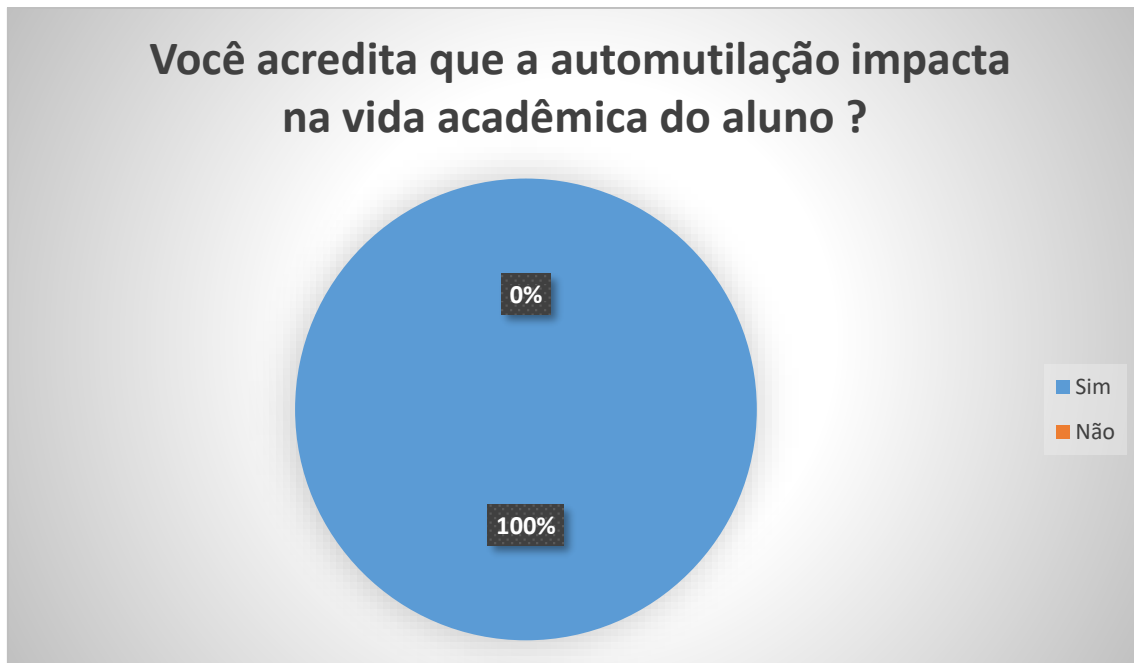
Uma equipe multidisciplinar, numa ação conjunta, poderá fortalecer a relação do ambiente escolar com a família, trabalhar os problemas cognitivos, emocionais e psicológicos do corpo discente, de forma equilibrada, respeitando diversas formas de aprender, o que facilitará por demais, a compreensão de indisciplinas, baixo rendimento e dificuldades de aprendizagem, dando suporte aos professores para melhor compreensão do educando que está sob sua responsabilidade. (Igor dos Anjos da Silva Santos, 2019)

É necessário que se amplie e que se conheça melhor o que é uma equipe multidisciplinar e quais as políticas públicas existentes na área da saúde que apoiem as escolas e professores na melhoria da aprendizagem dos alunos em risco, podemos citar como exemplo o Núcleo de Apoio e Acompanhamento (NAAPA) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) na rede pública.

O NAAPA se trata de um núcleo de apoio e acompanhamento para aprendizagem onde atende às unidades educacionais da rede municipal, trazendo práticas pedagógicas para crianças e adolescentes que passam por situações sociais, culturais ou emocionais que se encontram em situações de sofrimento trazendo prejuízos no seu processo de escolarização.

O CRAS desempenha um papel fundamental como entidade pública encarregada de disponibilizar uma variedade de serviços, programas, benefícios e projetos sociais. Sua atuação abrange o atendimento a famílias e indivíduos na

comunidade, direcionando seus serviços especificamente para crianças, adolescentes, jovens, idosos e pessoas com deficiência. O CRAS concentra-se no trabalho social com famílias, visando fortalecer seus laços, facilitar o acesso a direitos e promover melhorias em sua qualidade de vida.



Todos os professores disseram que sim, pois de fato impacta, os alunos que se automutilam têm problemas sérios de aprendizagem, não conseguindo entender os conteúdos, realizar atividades escolares, relacionar-se com os colegas, sendo hiperativo ou muito quieto. Os professores sentem muito dificuldade para trabalhar com esse tipo de aluno, pois sabemos que um problema desse porte é muito sério, vai além da compreensão e da observação sendo necessário um apoio efetivo de uma equipe multidisciplinar.

A automutilação pode impactar significativamente a vida acadêmica de um aluno de várias maneiras. Além do óbvio impacto físico e emocional, a automutilação pode levar a problemas de concentração, falta de motivação, ansiedade e depressão, prejudicando o desempenho escolar. Citando estudiosos da área da saúde mental, como Miller et al. (2013) e Smith (2017), esses autores discutem como questões emocionais não tratadas podem afetar negativamente o bem-estar acadêmico, enfatizando a importância do suporte psicológico para alunos que enfrentam esses desafios.

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, explique com breves palavras os motivos pelo quais acredita que a automutilação impacta na vida acadêmica do aluno?

A partir desta questão dissertativa, obtiveram-se as seguintes respostas dos professores:

Acredito que a junção de X problemas na vida da pessoa que se automutila não consegue focar em nada relacionado a vida acadêmica. E alguns motivos são a desmotivação pelos estudos e dificuldade de concentração.

Qualquer sofrimento psíquico tem potencial impacto nas relações sociais e no aprendizado

O aluno que se encontra nesta situação normalmente não possui foco na aprendizagem

Pelas atitudes em que o aluno possa ter em sala

Quando o aluno entra em uma situação de automutilação é uma saída para tentar amenizar sua dor interior, acredito que esse aluno não tem condições de se concentrar ou interagir com seus professores, familiares e colegas. Desta maneira não absorve conteúdos e aulas o que irá impactar em várias partes de sua vida inclusive e principalmente na vida acadêmica.

Ele se retrai para cada vez mais, não conseguindo interagir com o ambiente escolar.

Desmotivado

O aluno nao se sente motivado para o aprendizado

Sim.

Maus tratos da familia e bulynng

Aluno nao foca no estudo

A Criança não consegue se concentrar

Impacta no rendimento, na socialização

Falta de interesse nos estudos e na socialização

Problemas de ordem emocional contribui grandemente para o retrocesso no ensino, levando o aluno ao fracasso escolar

O aluno nesse tipo de situação, em alguns casos se fecha, não permite a proximidade de colegas ou do professor, tem dificuldade em estudar, de avançar no processo de ensino aprendizagem...

Um aluno que se automutila demonstra estar passando por problemas psicológicos e isso impacta em sua vida como um todo.

Uma pessoa que pratica a automutilação com certeza está psicologicamente abalada e não consegue ter um bom desempenho, não só na área acadêmica, mas em qualquer situação .

Falta de atenção e desânimo.

Devido ao isolamento, ao medo de ser descoberto, causa falta de atenção, ansiedade.

Concentração

O mesmo não consegue se aplicar devido aos seus problemas particulares .

Insegura

O aluno fica focado nas suas questões pessoais e deixa de lado a vida acadêmica.

Automutilação causa dor incômodo e inflamações com isso tirando a atenção da criança por estar sofrendo isso impacta na vida acadêmica do aluno deixando atrasado tirando sua concentração e tirando a sua concentração

A socialização e comportamentos ficam comprometidos.

Por estar relacionada a saúde mental do aluno

O aluno não consegue concentrar- se nas atividades que são propostas, fica desmotivado , impacta em todos os aspectos escolares.

Se não fortratado, pois marca tanto o físico quanto o emocional....

A criança ou adolescente dispersa sua atenção na aprendizagem com receio ou medo de ser notado em alguma situação que mostre sua automutilação, ou que venha até a colocá- lo em evidencia em situações dentro e fora da sala de aula.

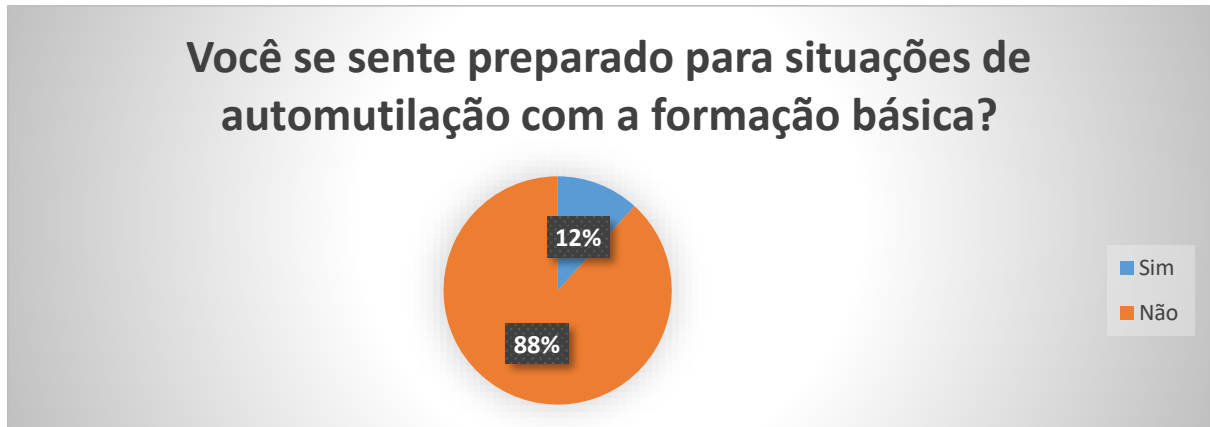
O estudante que passar por essas situações normalmente é apático e antissocial.

Acredito que os motivos que levam os estudantes a esses aspectos atrapalham suas atividades vida acadêmicas.

O aluno que se mutila está em sofrimento e, todo sofrimento impacta na qualidade de vida desse aluno afetando diversas áreas.

Após os comentários dos professores, notamos que eles têm conhecimento do quanto a automutilação pode impactar na vida acadêmica do indivíduo: levando a falta de foco na aprendizagem e/ou apresentando falta de interesse nos estudos e na socialização. O indivíduo pode se fechar e demonstrar dificuldade em estudar e avançar no processo de ensino-aprendizagem, além de enfrentar problemas de

atenção, ansiedade e desânimo devido ao isolamento e medo de ser descoberto. Sua concentração é comprometida devido a problemas particulares, tornando-se inseguro e impactando negativamente na socialização e nos comportamentos.



Apenas 12% dos professores se sentem preparados para lidar com situações de automutilação em sala de aula. Para melhorar essa situação, as escolas deveriam investir em programas de formação continuada para professores, promovendo a conscientização sobre saúde mental, oferecendo estratégias para lidar com situações delicadas e garantindo o acesso a recursos de apoio especializado.

O professor poderá criar um ambiente escolar mais aberto e compreensivo em relação às questões de saúde mental e assim se sentirem mais preparados para lidar com desafios desse tipo.

A partir de um estudo de Evans et al. (2019), conclui-se que a cultura do medo impede que profissionais da área da educação priorizem o cuidado com o indivíduo que se automutila, por não se sentirem preparados para tais situações, ainda com este estudo, pode-se dizer que alguns funcionários entendem que abordar este assunto pode incentivar, de algum modo, está prática. Além disto, outros profissionais entendem que este tema é de responsabilidade da área da saúde.

Sendo assim, é importante a figura do professor ser incentivado e testado suas competências diariamente, para que ele se atualize e pesquisa constantemente.

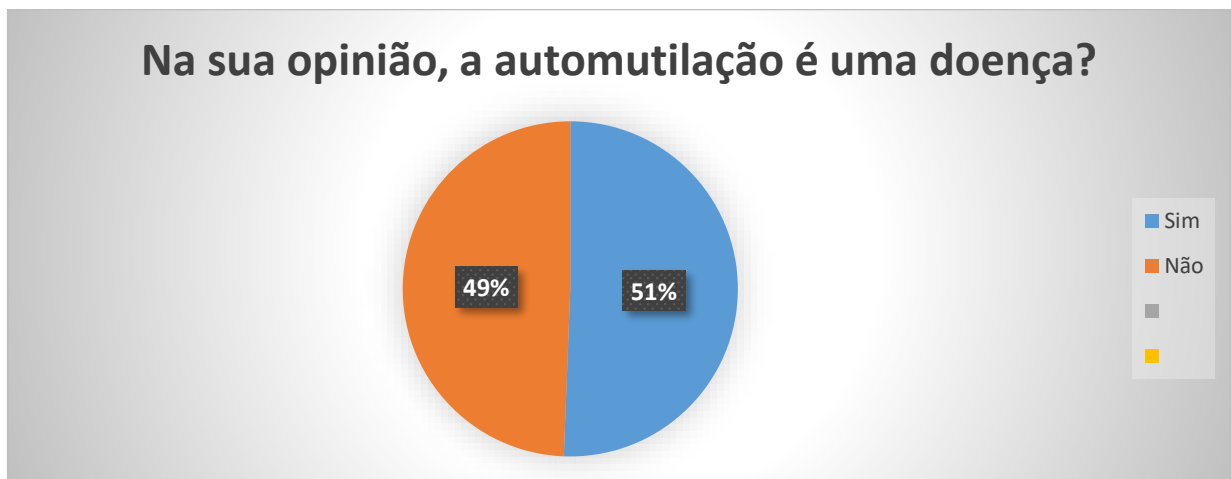
Diante dos estudos de Edgar Morin (2000) afirma-se que os educadores têm sido desafiados a desenvolver novos saberes necessários para uma Educação do futuro, dentre os quais se destaca a capacidade de enfrentar as incertezas.

Com estas incertezas, o professor quando se deparar com situações difíceis como automutilação nos alunos de sua sala, deve assumir o compromisso com a

proposição de políticas públicas que contemplem as necessidades dos alunos que praticam a automutilação.

Uma forma pensada pela dupla para solucionar a falta de preparo dos professores, seria:

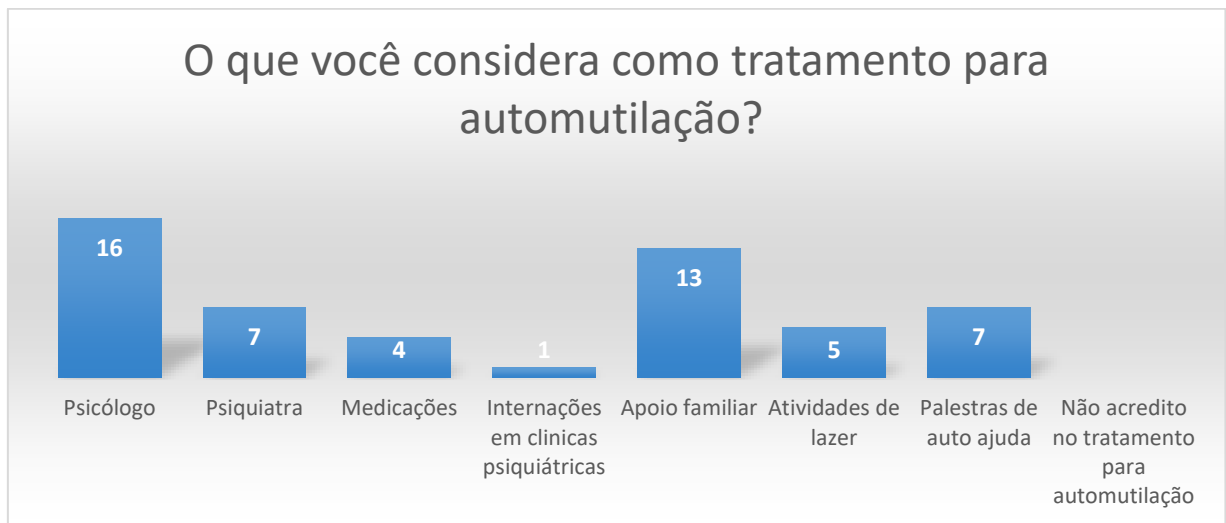
- ✓ Cursos disponibilizados pela instituição (para que seja incentivado a prática);
- ✓ Reuniões constantes;
- ✓ Rodas de conversas entre os membros;
- ✓ Reflexões;
- ✓ Palestras sobre o tema;
- ✓ Investir na formação continuada dos professores.



A maioria dos professores (51%) acreditam que a automutilação em é uma doença, porém ela não se trata de uma doença, mas sim um comportamento que pode ser indicativo de problemas subjacentes, como transtornos mentais, emocionais ou dificuldades psicológicas.

Abordar o tema de automutilação, como um transtorno mental, é fundamental para auxiliar o indivíduo a superar esse comportamento e aprimorar sua saúde mental como um todo para seu melhor desenvolvimento.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5 (APA, 2014) apresenta a automutilação como sintoma de alguns transtornos e, a depender dos comportamentos relacionados, pode ser entendida, como um Transtorno de comportamento repetitivo focado no corpo (F42), ou, como uma Automutilação não suicida, que se encontra na seção condições para estudos posteriores.



A maioria dos professores consideram o tratamento com psicólogo adequado para indivíduos que se automutilam, o que de fato está correto, nós como professores devemos abordar e saber verificar se o aluno está se automutilando para que assim possamos encaminhar para o psicólogo, o tratamento para automutilação envolve uma abordagem multidisciplinar e requer a colaboração de profissionais da área de saúde mental. Nosso trabalho como professor caso suspeitamos ou temos conhecimento de que um aluno está se automutilando, devemos agir com sensibilidade e seguir as diretrizes apropriadas.

A maioria dos alunos que se automutilam usaram alguma medicação psiquiátrica, foram encaminhados para um profissional de saúde e terapia, e no final foram diagnosticados com algum de problema de saúde mental (Gollust et al., 2008).

**Você já vivenciou casos de crianças que se automutilam dentro da sala de aula?
Caso a resposta for sim, conte como lidou com essa situação.**

Fizemos esse questionamento para os professores e notamos que os relatos fornecidos envolvem algumas situações de automutilação na sala de aula. As razões incluem ansiedade, problemas familiares, isolamento social e violência. Os professores buscaram diversas abordagens, como tentativas de socorro imediato, diálogo com os alunos, encaminhamentos para gestão e coordenação pedagógica, envolvimento dos pais, orientação da direção da escola e busca por apoio profissional.

Alguns casos foram resolvidos com sucesso após acompanhamento psicológico, palestras e suporte da comunidade escolar, enquanto outros ainda representavam alguns desafios. O respeito à privacidade, a criação de ambientes de apoio e o encaminhamento para profissionais de saúde foram estratégias comuns adotadas pelos professores.

5. CONCLUSÕES

As principais conclusões desse estudo são: Os professores investigados reconhecem os principais sinais da automutilação; Os professores reconhecem a ajuda da equipe multidisciplinar, família e, principalmente, psicólogo para o manejo de questões comportamentais sobre automutilação com esse aluno; A maioria dos professores acreditam que a automutilação em é uma doença; A maioria dos professores consideram o tratamento com psicólogo adequado para indivíduos que se automutilam; Os professores afirmam que a automutilação impacta na vida acadêmica do aluno; A maioria dos professores que responderam ao formulário. Acreditam não está preparado para lidar com estas situações apenas com a formação básica; A maioria dos professores sabem identificam as causas de automutilação que se dá através do bullying, traumas familiares, abuso sexual e as redes sociais.

O objetivo de pesquisa foi compreender a preparação e o despreparo de professores do Ensino Fundamental II ao lidar com alunos que praticam automutilação, visando desenvolver orientações eficazes sobre como esses professores devem agir em tais situações e promovendo um ambiente escolar mais seguro e de apoio emocional. Sendo assim, acreditamos ter atingido o nosso objetivo promovendo um novo artigo sobre o tema para diversos professores, principalmente, aos que estão com alunos que se automutilam em sua sala de aula, facilitando informações e, trazendo conhecimentos aos leitores.

Entendendo a formação inicial e continuada dos professores sobre o comportamento de automutilação no Ensino Fundamental II, sabe-se que estes profissionais precisam ser capacitados para reconhecer sinais, entender as causas e adotar estratégias de apoio, incluindo a boa comunicação com o aluno, pareceria com outros profissionais da equipe multidisciplinar, implementar práticas pedagógicas e criar um ambiente seguro para o aluno.

A automutilação em adolescentes possui diversos fatores de riscos que interferem no desenvolvimento saudável, estando relacionados a questões sociais, psicológicas, subjetivas, emocionais, familiares e contextuais. Dentre eles, foram identificados os acontecimentos adversos de vida, como abuso sexual e bullying, contágio social por meio de ambientes reais e virtuais, questões familiares, como conflitos e falta de suporte familiar, assim como baixa autoestima, tristeza, dificuldade de se expressar verbalmente e orientação sexual.

Por se tratar de uma demanda multifatorial para identificar e prevenir os fatores de risco da automutilação, são necessários diversos atores com o mesmo objetivo. Há a possibilidade de realizar educação em saúde com este público em seu território sobre temas relativos à adolescência, de forma a oferecer escuta qualificada e, se necessário, realizar encaminhamentos adequados. Portanto, é primordial construir fatores de proteção contra a automutilação na adolescência

Pela relevância do tema, pensamos em continuar o trabalho, com possíveis mudanças necessárias. Ainda assim, publicar para que outros professores tenham acesso à mais informações sobre a temática.

Decorrente da pesquisa apresentada percebe-se que é necessário refletir sobre a prática da automutilação, sendo focado em alunos do Ensino Fundamental II, buscando conhecer mais sobre suas características, refletir sobre o estado de saúde e bem-estar, sofrimento, questões sociais e familiares que perpassam esse fenômeno, sendo um desafio compreender mais sobre a questão.

Levando em consideração que o problema de pesquisa é o conhecimento do professor é suficiente para atuar com alunos que se automutilam?

Em algumas questões percebemos que o conhecimento dos professores é suficiente para atuar com alunos que se automutilam, por exemplo, os mesmos, sabem identificar os sinais e as causas, reconhecem que a equipe multidisciplinar é importante para a situação do aluno e que a automutilação impacta na vida acadêmica do aluno. Por outro lado, estes profissionais que responderam ao questionário afirmam que a automutilação é doença e citam, em sua maioria, não estarem preparados para estes casos apenas com a formação básica.

Entender a necessidade de práticas docentes significativas para o processo de aprendizagem de indivíduos que praticam automutilação, é muito importante para os educadores, pais, responsáveis e outras pessoas que convivem com estas pessoas.

Este trabalho procurou levantar publicações que abordem esta temática com intuito de trazer um pouco destas práticas de forma mais clara até mesmo para pessoas que têm pouco conhecimento do assunto.

Conclui - se que a formação continuada de professores a respeito das práticas da automutilação, instrumentalizando-os com estratégias para o conhecimento e enfrentamento desse fenômeno, constitui-se num importante recurso para a promoção da inclusão e acessibilidade atitudinal das pessoas que se automutilam na escola, acreditamos que este assunto tratado requer muita atenção, estudo, reflexões, sendo assim, o diálogo aberto e a conscientização são essenciais para prevenir e combater a automutilação na escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Kaline Brandão Ribeiro de. AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: FATORES ASSOCIADOS E CONTEXTO ESCOLAR. 2021.

ANGELELLI, A. M. M. A. C. CAMPANHA MAIO AMARELO: DEPRESSÃO ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PARE – OBSERVE – ACOLHA: DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DE SAÚDE MENTAL DA SPSP. **AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-5, mai./2021. Disponível em: <https://www.spsp.org.br/wp-content/uploads/2021/05/SPSP-DC-SMental-Automutilacao-MaioAmarelo-14.05.2021.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

BHERING, N. B. V; AQUINO, M. L. A; MOREIRA, Mariana Vanon. Análise dos fatores de risco relacionados ao comportamento suicida em crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 1-15, ago./2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/15747/12940>. Acesso em: 24 nov. 2023.

BNCC. **COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS COMO FATOR DE PROTEÇÃO À SAÚDE MENTAL E AO BULLYING**. DISPONÍVEL EM: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying> . Acesso em: 29 nov. 2023.

Cabral Rodrigues Feitosa R, Cavalcante Agra L, Dantas Fragoso L. Geração diante da pandemia de CoVid-19 - as principais repercussões psicológicas negativas e suas causas: uma revisão integrativa. BMS [Internet]. 21º de outubro de 2021 [citado 26º de novembro de 2023];5(8). Disponível em: <https://bms.ifmsabrazil.org/index.php/bms/article/view/11> .

CAMARA. **PROJETO DE LEI N.º 1198, DE 2019 (Dep. Igor dos Anjos da Silva Santos)**. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/experiencias-presenciais/parlamentojovem/edicoes-anteriores/projetos-edicoes-anteriores-2011-2019/2019/PL-1198-igor_dos_anjos_da_silva_santos-BA.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

CASTRO, L. D. F. N. E. M. M. D. A AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCENCIA NA VISÃO DA PSICANÁLISE. **Psicol. Saúde e Debate**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 246-259, nov./2022. Disponível em:

<https://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/921/559>.

Acesso em: 27 abr. 2023.

CIDADE DE SÃO PAULO. **Centro de Referência de Assistência Social**. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/index.php?p=1906 . Acesso em: 19 out. 2023.

CIDADE DE SÃO PAULO. **NAAPA**. Disponível em:

<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/naapa/>. Acesso em: 19 out. 2023.

CONEDU. **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES SOBRE AS PRÁTICAS DA AUTOMUTILAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA CULTURAL**. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA1_ID1581_30082020210834.pdf. Acesso em: 24 nov. 2023.

CONSELHO DE SAÚDE. **ORIENTAÇÕES PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL FRENTE A SITUAÇÕES DE SUICÍDIO E AUTOMUTILAÇÃO**. Disponível em:

https://conselho.saude.gov.br/images/CRPDF-Orientacoes_atuacao_profissional.pdf.

Acesso em: 16 nov. 2023.

COSTA, Luiza Cesar Riani et al. Autolesão não suicida e contexto escolar: perspectivas de adolescentes e profissionais da educação. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 4, p. 39-48, dez. 2020 .

DESAFIOSDAEDUCACAO. **Um olhar sobre a qualificação dos professores no Brasil**. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.com.br/qualificacao-professores-brasil/> . Acesso em: 26 nov. 2023.

INSTITUTO PENSI- PESQUISA E ENSINO EM SAÚDE INFANTIL. Saiba um pouco mais sobre automutilação entre crianças e jovens. Disponível em:

<https://institutopensi.org.br/saiba-um-pouco-mais-sobre-automutilacao-entre-criancas-e-juvenis/> . Acesso em: 23 nov. 2023.

LARA, Gianna de; SARAIVA, Eduardo Steindorf; COSSUL, Danielli. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 49, e249711, 2023. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022023000100611&lng=pt&nrm=iso . Acessos em 14 out. 2023. Epub 06-Jan-2023.

MANGELOT, Vanessa Maciel. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS EM AULAS DE ESTATÍSTICA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. **DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS EM AULAS DE ESTATÍSTICA**: São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-96, set./2022. Disponível em:

https://spo.ifsp.edu.br/images/phocadownload/DOCUMENTOS_MENU_LATERAL_FI_XO/POS_GRADUA%C3%87%C3%83O/MESTRADO/Ensino_de_Ci%C3%A4ncias_e_Matem%C3%A1tica/Dissertacoes/2022/Vanessa_Maciel_Mangelot_Silva_-_Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_2022.pdf . Acesso em: 23 mai. 2023.

MODESTI, Mariana Galeazzi. AUTOMUTILAÇÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DO TRATAMENTO. **UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI ÁREA DE CIÊNCIAS DA VIDA CURSO DE PSICOLOGIA**, Lajeado/RS, v. 1, n. 1, p. 1-27, jun./2023. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/b030d0ab-93fa-4269-8b00-7ee56d843a34/content> t. Acesso em: 15 out. 2023.

MORAES, Danielle Xavier. Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Caneta é a lâmina, minha pele o papel”**: fatores de risco da automutilação em adolescentes, Goiás, v. 1, n. 1, p. 1-9, jun./2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 11 abr. 2023.

MULTI RIO 30 ANOS. **A história da educação feminina.** Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso em: 15 nov. 2023.

OLIVEIRA, G. C. S. D. A INTERSETORIALIDADE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO. **A INTERSETORIALIDADE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO**, JABOTICATUBAS, v. 1, n. 1, p. 1-26, mai./2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/49375/1/GLECIANE%20C%81SSIA%20S.O%20UFMG%20FINAL.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

OLIVEIRA, T. A. D. AUTOMUTILAÇÃO DO CORPO ENTRE ADOLESCENTES: UM SINTOMA SOCIAL OU ALERTA DE TRANSTORNO MENTAL?. **M SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO BÁSICA**, SALVADOR, v. 1, n. 1, p. 1-20, nov./2023. Disponível em: <https://repositorio.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/326/1/TCC%20gravar%20%28Tain%C3%A1%20Oliveira%29.pdf> . Acesso em: 27 nov. 2023.

OLIVEIRA, T. A. D. AUTOMUTILAÇÃO DO CORPO ENTRE ADOLESCENTES: UM SINTOMA SOCIAL OU ALERTA DE TRANSTORNO MENTAL. **AUTOMUTILAÇÃO DO CORPO ENTRE ADOLESCENTES: UM SINTOMA SOCIAL OU ALERTA DE TRANSTORNO MENTAL?** SALVADOR, v. 1, n. 1, p. 1-20, mar./2016. Disponível em: <http://www.repositorio.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/326/1/TCC%20gravar%20%28Tain%c3%a1%20Oliveira%29.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.]

Os novos papéis do professor na educação contemporânea. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-26, mar./2023. Disponível em: <https://reben.emnuvens.com.br/revista/index>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SANTO, G. D. E. A formação continuada de professores sobre as práticas de automutilação. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-14, jun./2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/31861/pdf> . Acesso em: 2 out. 2023.

SENADO NOTÍCIAS. **Para especialistas, redes sociais reforçam 'bullying' e risco de suicídio de adolescentes** Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/09/21/para-especialistas-redes->

[sociais-reforçam-bullying-e-os-riscos-de-suicidio-de-adolescentes](#) . Acesso em: 25 nov. 2023.

SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. 10 COMPORTAMENTO AUTOLESIVO AO LONGO DO CICLO VITAL: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA1. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, v. 67, 2017.

SISTEMAEGD. **A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO E NA FORMAÇÃO**. Disponível em: <https://sistemaegd.com.br/importancia-mulher-educacao/> . Acesso em: 14 nov. 2023.